

# MARTE VIVA

Director: ANTÓNIO SANTOS

SEMANÁRIO

ANO IV — N.º 191 — Preço 6\$00 — 3/4/80

## Solverde a «ver se pega...»

### 75.000 CONTOS NA MESA

Realizou-se na passada semana a prevista reunião entre a Solverde e a edilidade espinhense, com o fim de aquela empresa dar a conhecer as suas propostas de ajustamento das cláusulas do contrato de exploração da zona de jogo. Esse ajustamento torna-se necessário principalmente porque os seis meses de funcionamento do casino passaram entretanto a doze, o que justifica plenamente um correspondente aumento de encargos.

Pela Solverde estiveram presentes na reunião três adminis-

tradores, que defenderam posições que salvaguardam, no essencial, os interesses da sua empresa. De facto, propôr um aumento de 125.000 contos para novas obrigações contratuais quando faltam ainda oito anos para terminar o prazo de exploração, é francamente medíocre quando se pensa nos grandes melhoramentos que a Solverde vinha desde sempre prometendo ao concelho. E não poderá servir de grande desculpa o argumento de que para cumprir as obrigações anteriores terão de ser utilizadas verbas mais vultuosas do que as previstas

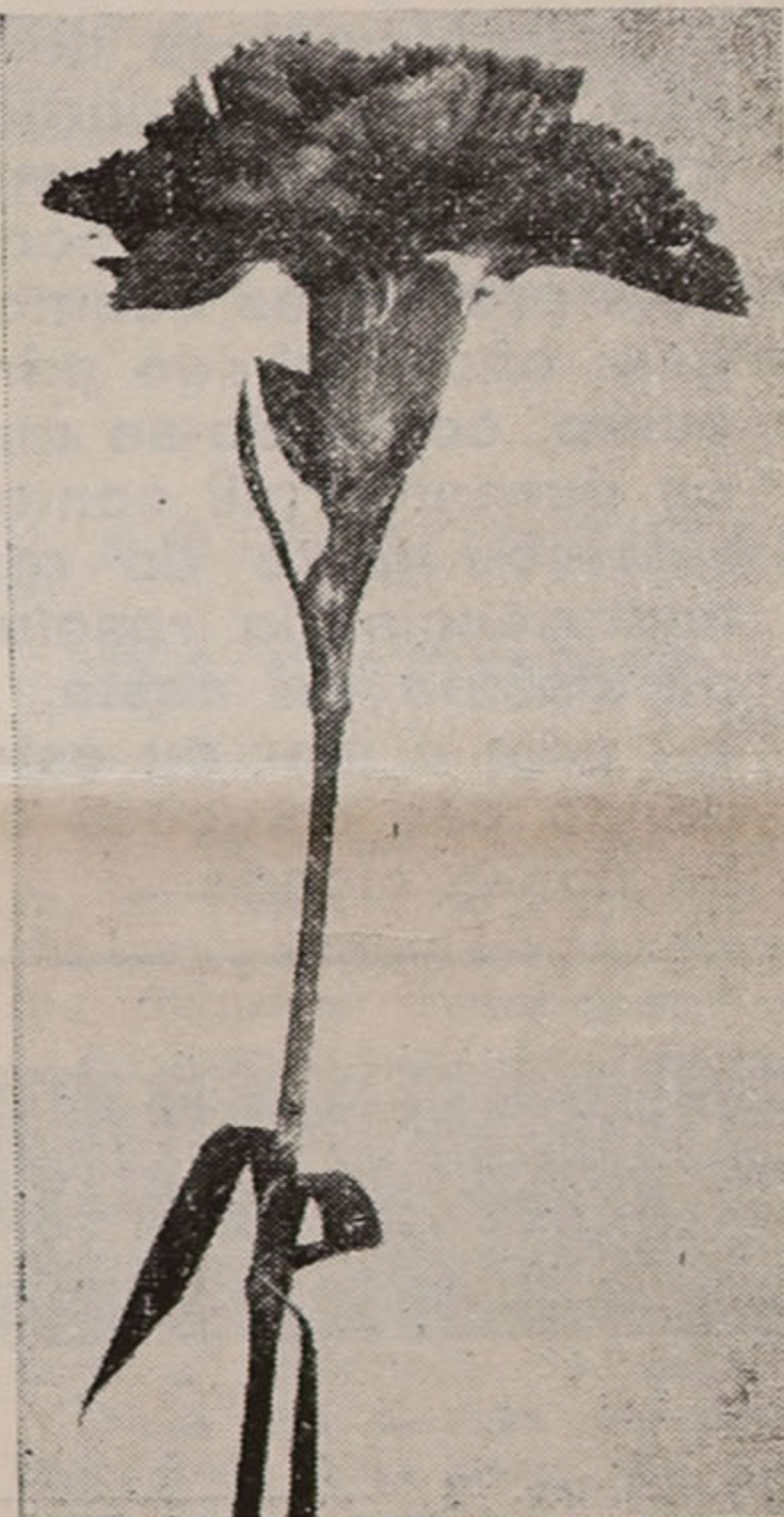
no contrato original. É que desde então as receitas do jogo também experimentaram índices de aumento significativos.

Na sugestão da Solverde está ainda contemplada a possibilidade de no concelho de Espinho serem aplicados apenas 75.000 contos daquela verba, indo o restante para concelhos limítrofes, nomeadamente Ovar, onde há grandes interesses turísticos decididos a apostar na zona do Furadouro. E diga-se desde já que, concretizando a aplicação desses 75.000 contos, a Solverde adianta que pode-

riam servir para se levar a cabo um arranjo urbanístico no quarteirão situado entre as ruas 2, 4 e 23, ou seja precisamente na continuação das construções que a Solverde está a levar a efeito na zona. Mas será que não há outras aplicações mais úteis dessa verba na cidade e concelho?

Entretanto, a Câmara vai estudar o assunto e proporá à Assembleia Municipal as suas alternativas, depois de novos contactos com a Solverde. É caso a acompanhar com atenção dada a importância de que se reveste para o concelho.

## ABRIL Mês da Liberdade



4 ANOS  
DE  
CONSTITUIÇÃO

Página 5

## ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE ESPINHO

### PALMAS PELA PRIMEIRA VEZ!

Ouviram-se palmas na A. F. de Espinho do passado dia 29. E isto, podemos dizer, é caso único neste tipo de sessões a que temos assistido. Elas foram para José Neto (Zé da Micas) representante da Comissão de Moradores de S. Pedro naquela Assembleia.

Duas moções do PS sobre o aniversário da Constituição e 25 de Abril passaram com a abstenção da AD.

#### FAZER O 25 DE ABRIL COMO QUEM FAZ O S. JOÃO

Segundo explicou o Presidente da Junta (Sabino Oliveira), esta não tem sequer dinheiro para comprar o Código Administrativo. Assim não poderá dar sequer 10\$00 para as Comemorações do 25 de Abril. Quem concorda com a data que faça peditório. É como fazer o S. Pedro ou o S. João na opinião de Manuel Sancebas, que

#### O PLANO DA JUNTA

1.º — Para bom funcionamento dos seus serviços informativos, teremos de admitir um novo funcionário.

2.º — Arranjar um grupo de trabalho semi-amador, com pagamento de horas extraordinárias, para o bom funcionamento do RECENSEAMENTO ELEITORAL.

3.º — Melhorar as suas instalações e ampliar as mesmas.

4.º — Fazer-se representar sempre que possível, em tudo que seja de interesse para a Freguesia.

5.º — Melhorar na medida do possível os seus serviços ao PÚBLICO.

6.º — Prestar a melhor atenção aos serviços de assistência, Colectividades e Associações Culturais e Desportivas, locais.

entende que os dinheiros da junta «não são para gastar à balda». Aliás este elemento da AD veio trazer um estilo novo ao plenário. Quer tudo resolvido e depressa. Bem lembrou Madureira Gil (PS) que alguns elementos da Assembleia se esqueceram que se ali estão o devem ao 25 de Abril, a menos que preferam, à boa maneira antiga, as nomeações que se efectuavam para estes cargos.

#### PLANO DA JUNTA PARA 1980

A ordem de trabalhos foi bastante ultrapassada. Foi nitidamente elaborada em cima do joelho, quer porque não foram distribuídos documentos aos elementos do PS, quer porque propunha a aprovação de contas de 1979 quando tal só deverá ter lugar em Novembro

continua na página 8

## COOPESPINHO

EM HORA  
DE BALANÇO

O aumento de sócios — entre Janeiro e Dezembro de 1979 — de 216 para 427, o movimento mensal na ordem dos 700 contos e outros da sua actividade são alguns dos dados referidos no «Relatório e Contas» discutido e aprovado na Assembleia Geral de sócios da Coopespino — Cooperativa de Consumo SCRL que se realizou no passado dia 29, na sua sede.

Com a análise do balanço «pode concluir-se que a situação económica da cooperativa é equilibrada».

No Relatório são ainda referidos outros aspectos dos quais destacamos:

#### FREQÜÊNCIA, ABASTECIMENTO E NÚMERO DE SÓCIOS

Sobre a frequência — segundo um inquérito realizado em Setembro de 1979 — foi possível saber-se que 286 sócios utilizaram, durante esse mês, por mais de 2000 vezes os serviços de Cooperativa; dos 400 sócios existentes nessa altura, 114 não foram à loja uma única vez; o inquérito indicou ainda que 48 sócios foram apenas uma vez à loja e 37 apenas duas vezes.

A média de consumo por sócio, nesse mês, foi de 2000 escudos. O que leva a concluir

que, se todos os sócios se tivessem abastecido na Cooperativa, a receita atingiria os 860 contos, e ainda que, se aumentar o consumo por sócio, em breve se poderão ultrapassar os 1000 contos mensais.

O número de sócios, no período de Janeiro a Dezembro de 1979, aumentou de 216 para 427.

«A capacidade da nossa cooperativa — refere ainda o Relatório — tem condicionado a quantidade de géneros em stock, o que, por vezes tem originado certas faltas no abastecimento normal.»

continuação da página 8

**Ministro dos Transportes passou por cá:**

## DEFESA DA COSTA VAI AVANÇAR!

Com a antecipação de um dia, realizou-se na passada sexta-feira (28 de Março) a anunciada visita ao distrito de Aveiro pelo Ministro dos Transportes (eng. Viana Baptista), acompanhado, entre outros, pelos secretários-de-estado dos Transportes e da Marinha Mercante. Dificultada com problemas de avião, a visita sofreu várias alterações, nomeadamente no que se refere aos horários, sendo a sua presença em Espinho aguardada desde as 9,30 horas e só efectuada, mais tarde do que estava previsto, já depois das 18 horas.

Antes foi a visita à capital do distrito, conferência de imprensa, contactos com vários problemas dessa cidade, entre os quais o porto de pesca e uma digressão, ainda que breve por outras localidades da costa até chegar a Espinho com deslocação junto à Fábrica Brandão Gomes e Piscina onde se vão situar os molhes sul e norte do sistema de defesa da praia.

Já na conferência de imprensa o eng. Viana Baptista tinha afirmado que o ministério de que é titular já elaborou um projecto de defesa da costa, desde Matosinhos até sul do cabo Mondego, dando particular importância ao problema de Espinho, pelas próprias características do mar e pelas questões de ordem social que se levantam. O projecto particular de defesa da costa de Espinho já está entregue à Hidrotécnica Portuguesa, por dois mil contos, esperando-se que não haja problemas quanto a demoras, visto estar tudo bem encaminhado para poder ser posto em concurso, contando-se que a obra deverá ultrapassar os duzentos mil contos. O Presidente da Câmara reforçou junto do responsável governamental a importância da resolução definitiva do problema da defesa da costa, salientando que ou se vai ter com o mar ou este vem ter connosco, dependendo das soluções encontradas muito do futuro da nossa cidade.

## CINEMA

Quinta-feira, 3

HAIR

M/ 18 anos

Em 1968 surgiu nos palcos americanos, e mais tarde nos europeus, uma peça musical que, quer pelos assuntos versados, quer pela encenação então considerada ousada, deu muito que falar. Passados dez anos, um realizador consagrado como Milos Forman, por encomenda dos produtores, adapta-a ao cinema, recorrendo às mais modernas técnicas cinematográficas. Com isso assiste-se a algo que se pode considerar como inovador no aspecto estético, mas bastante diminuído no vigor da temática que, pelo desenrolar dos anos se pode considerar já ultrapassada. Enfim, um bonitinho pr'á vista, e pouco mais.

Sexta-feira, 4

A TÚNICA

M/ 10 anos

Não sendo do conhecimento de muitas pessoas, mesmo daquelas ligadas a estas coisas do cinema, este filme é um marco na história da técnica do cinema por ter sido o primeiro a ser rodado em «cinemascope». Mas para além disso, e passados quase trinta anos, poder-se-à dizer que não é despropositado nesta época pascal.

Sábado, 5

007 — ORDEM PARA MATAR

M/ 18 anos

Se não erramos, trata-se da

segunda fita da série do Agente 007, com Sean Connery no protagonista, e que veio a tornar-se no grande êxito comercial que todos conhecemos. Seu título original: «From Russia With Love». Das menos más, na nossa opinião.

Domingo, 6

POLÍCIA OU LADRÃO

M/ 13 anos

A presença de Jean-Paul Belmondo é, de forma geral, um pormenor que se assinala com simpatia, sobretudo quando se trata de uma comédia. Sob a orientação de Georges Lautner, aquele actor diverte-nos com a sua versatilidade perante as mais diferentes situações e sem para isso recorrer ao tipo de humor fácil.

Segunda-feira, 7

CULPADO OU INOCENTE?

M/ 18 anos

Ora como já não deve haver «O Fado» ou «As Capas Negras», para se cumprir a tradição de exhibir, neste dia, cinema da pior qualidade, recorre-se às fitas indianas. Como corresponde, portanto, está certo!

Terça-feira, 8

FÉRIAS MACABRAS

M/ 18 anos

Eis o tipo de película de muito agrado do público britânico e que se resume a um argumento policial pontualmente assinalado com cenas de «suspense» e terror. Oliver Reed e Burgess Meredith são os actores adequados a este género de filmes, atributo que por sua vez não se poderá reconhecer ao seu realizador. Portanto, e quando muito, um filme para entreter e sem história.

## LICEU (mais uma vez) ASSALTADO

A actividade criminal na semana que findou não se fez sentir como habitualmente, correspondendo assim à gradual diminuição do furto e vandalismo, que com agrado se vem verificando no nosso concelho. Para além das normais queixas por agressão, daquelas em que o sogro acusa o genro por bater na filha, pois ela até anda-

va com um sobrinho dele, e dos roubos levados a cabo pelos afamados carteiristas de «segunda» (feira...), há sem dúvida que referir e alertar para o facto de mais uma vez o Liceu ter sido assaltado (já lhes perdemos a conta...). Se roubaram alguma coisa não se sabe. Estragos isso sim, causaram, tal como havia aconteci-

do um mês atrás. Actos deste tipo, grande parte da vezes perpetrados por jovens, só prejudicam aqueles que na sua formação utilizam tais instalações. Impõe-se portanto mais que nunca, um estudo que tenha por objectivo a segurança dos estabelecimentos de ensino em geral e deste em particular.

## Festival da Canção Jovem

### foi um êxito!



«Até que um dia» foi canção vencedora num festival em que o mais importante foi o convívio e a participação

A canção «Até que um dia», interpretada pelo grupo «Improviso em fá Maior», foi a vencedora do 3.º Festival da Canção Jovem, realizado no passado sábado na Piscina, numa iniciativa da J. C. P.

Foi em ambiente de animado convívio que as cerca de cinco centenas de espectadores viram, na primeira parte, o desfile das 12 canções concorrentes e, na segunda parte ouviram Sérgio Godinho cantar algumas das suas conhecidas (e belas) canções.

A canção vencedora e a classificada em 2.º lugar, «Mensagem», interpretada por Gil e Mena, ficaram apuradas para o Festival Regional, que se realizará, provavelmente, no próximo mês de Abril, em Aveiro.

## MARÉ VIVA

SEMANARIO

Director:

ANTONIO SANTOS

Redacção:

RUA 62 N.º 251 - 1.º

TEL. 921621 — ESPINHO

Propriedade:

NASCENTE — COOPERATIVA DE ACCAO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número:

António Santos, Joaquim Fidalgo, Morais Gaio, Luís Costa e Victor Sousa (redactores); Ana Maria, Augusto Mota, Dário Capela, Eugénio Morais, José Cruz e Nunes Carneiro (colaboradores de redacção).

Composição e impressão:

TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S. C. R. L.

RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

## Sofia Furriel Ruano

A família, muito reconhecida, vem por este único meio agradecer a todas as pessoas que assistiram ao funeral e missa do 7.º dia.

## FARMÁCIAS

Quinta — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 920320  
Sexta — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 920092  
Sábado — Farmácia Teixeira — Rua 19 n.º 46 - Tel. 920352  
Domingo — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 920331  
Segunda — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 920250  
Terça — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 920320  
Quarta — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 920092

## ASSINE O Maré Viva

### DR. CASTRO REIS

ESPECIALISTA PELA O. M.

DOENÇAS DOS OLHOS

ORTOPTICA

RUA 16 N.º 250 - 1.º ESQ.

TELEFONE 922470 — ESPINHO

### Ernesto Ferreira

ODONTOLOGISTA

Boca e Dentes

Rua 18 n.º 582 - 1.º Dto.

Telef. 921810 — ESPINHO

### A MODELAR

Telefone 923068



Rua 16 — Merc. Municipal 4500 ESPINHO

Aviamento rápido de receitas de óculos com descontos das Caixas de Previdência

## GUETIM

# Assembleia (por unanimidade) vai comemorar Abril

Realizou-se na passada sexta-feira a 1.ª sessão ordinária da Assembleia de Freguesia de Guetim.

Em reunião anterior tinha-se acordado a formação de um grupo de trabalho, com dois elementos AD e dois CEIFG, para a elaboração do regimento.

A sessão de sexta-feira tinha como ponto único da ordem de trabalhos a discussão e aprovação do regimento. Mas, e à luz do antigo regimento, foi bem aproveitado o período de antes da ordem do dia, no qual «choveram» seis propostas da CEIFG, duas moções de pesar da AD e uma de Manuel Santos Presidente da Assembleia. Facto um tanto ou quanto inédito é que as propostas e as moções foram aprovadas todas por unanimidade, o que numa primeira análise promete bom entendimento e óptimo trabalho já num futuro próximo.

Antes de serem lidas as propostas foi feita uma breve mas importante intervenção por parte da Junta de Freguesia, na qual foram tecidas considerações de carácter informal, sobre o trabalho já desenvolvido, o que poderia vir a alterar o conteúdo das propostas, mas tal não foi o caso.

A 1.ª moção a ser discutida e aprovada foi a de Manuel Santos, na qual ficou bem claro o repúdio de toda a Assembleia pelo bárbaro assassinio do seu conterrâneo e amigo Eusébio de Amorim e a incompreensão pelo facto de os responsáveis ainda não estarem detidos; serão mandadas fotocópias desta moção à Polícia Judiciária, GNR e Presidente do Tribunal da Comarca de Espinho.

Foram a seguir aprovadas mais duas moções da AD a focar o mesmo acontecimento mas com a diferença de que o repúdio pelo acontecimento não passaria das portas da Assembleia (embora aprovassem a outra proposta).

Das seis propostas da CEIFG há a salientar duas, por via das quais se formaram dois grupos de trabalho com elementos da Assembleia: uma sobre as comemorações do 25 de Abril,

outra sobre o trânsito em Guetim, que neste momento, devido à ausência de sinalização, dificulta a segurança rodoviária.

Nas outras quatro propostas do mesmo grupo aprovadas, foram concedidos à Junta de Freguesia plenos poderes para diligenciar junto das autoridades competentes a resolução de problemas como o lixo, transportes, iluminação pública e ensino preliminar. Há zonas onde não é possível acender uma lâmpada fluorescente, devido à fraca potência do posto de transformação. Quando se discutia esta proposta, um elemento da AD informou a Assembleia que esse grupo já tinha arranjado terreno para a instalação de um novo P. T., só faltando o parecer técnico favorável ao local.

Sobre a proposta acerca da

criação do ensino preliminar já no próximo ano lectivo, salientou-se esta necessidade devido ao número de crianças já inscritas.

No período da ordem do dia, e depois de algumas novas sugestões acerca do regimento, este foi aprovado por unanimidade.

Depois de uma campanha eleitoral bastante agitada e cheia de atritos é de salientar e de louvar a maneira como estão a decorrer os trabalhos desta Assembleia, o que não era de prever; e não era de prever principalmente o facto de a AD ter aprovado a proposta da CEIFG sobre as comemorações do 25 de Abril, subsidiadas pela Junta de Freguesia, ao contrário da atitude tomada pelos membros da AD na Assembleia Municipal.

## LOUROSA

### QUAL O DESTINO DA VACA MORTA ?

Todos têm ouvido falar da traficância de vacas roubadas no Alentejo e de outras compradas doentes e que fazem enriquecer uns tantos, que se dedicam a esse negócio. Conta-se à boca cheia que em Lourosa há alguns casos destes mas sem consequências, pois diz-se não haver provas...

Há dias um trabalhador da construção civil observou um caso estranho: frente ao lugar onde trabalha vive um negociante de gado, onde viu estacionar uma camioneta de vacas. Uma delas foi forçada a descer e não podia andar. Ficou deitada sem se poder levantar durante sete horas. Ao fim desse tempo, o negociante com a aju-

da dum cão lobeiro conseguiu que a vaca se levantasse e, com custo meteu-a na corte. Isto levou o trabalhador a continuar atento. No dia seguinte chegou a mesma camioneta e a tal vaca foi arrastada, já morta, para dentro, e seguiu viagem...

Para onde iria? — Foi a interrogação deste trabalhador. — A enterrar não, pois tem aqui terreno e fazia-o aqui...

Como não pudesse seguir a camioneta, por estar em hora de trabalho, dirigiu-se imediatamente ao posto da G.N.R. de Lourosa, a contar o caso em pormenor.

Verificou que a G.N.R. veio depois a casa do negociante,

mas nada mais se soube. Embora tivesse apresentado mais duas testemunhas, não foram mais chamados.

O negociante já deu sinais de perseguir o trabalhador em causa, o que significa que soube quem observou e denunciou.

O medo de muitas pessoas têm em denunciar estes traficantes e a pouca confiança nas autoridades impede a desmontagem deste crime contra a dignidade e saúde públicas. É que o dinheiro faz tudo e tudo vence. É a experiência amarga dos que sofrem, vítimas dum sistema de corrupção generalizada.

Estaremos atentos ao desfecho desta questão.

Entretanto, a Assembleia não aprovou que fosse gasto sequer um tostão com estas comemorações pelos votos da AD e voto de qualidade do Presidente da Mesa (AD). Note-se que um elemento deste grupo encontrava-se ausente em Lisboa. As contas da gerência de 1979 não foram já aprovadas, em virtude do diferendo conhecido entre a actual e a antiga Juntas. A discussão do plano foi muito polémica, em virtude de ele não ter sido dado a conhecer antecipadamente aos elementos da Assembleia e acabou por ser aprovado praticamente sem opiniões sobre as obras nele contidas. A urbanização da Praia foi aprovada, por unanimidade, mas a APU lembrou condições que devem acompanhar a informação à Câmara, com as quais todos foram concordantes.

Com informações dadas e pedidas ao Presidente da Junta, terminou a reunião a horas tardias, como já se disse.

### AS PEDREIRAS DA CADINHA

No lugar da Cadinha, Lourosa, existem umas pedreiras que são um perigo para os moradores daquelas redondezas.

As explosões são frequentes e atiram pelos ares grandes pedras. Por isso os moradores quando saem de casa é sempre com medo de apanharem com uma pedra na cabeça, lançada com a violência da explosão.

Dizia um desses moradores: «tem sido uma sorte. Se as pedras que caem no telhado e partem as telhas caissem na cabeça de alguém...».

A quem compete velar pela segurança dos moradores? Não haverá legislação neste sentido que se aplique?

Compete aos moradores desse lugar mobilizarem-se. Talvez com isso obriguem outros a tomar medidas.

### COMPRA - SE

#### PIANO VERTICAL

Falar telef.:

922968 (horas expediente)

921373 (residência)

#### Carlos Albuquerque Pinho MÉDICO

Doenças do aparelho  
digestivo

#### CONSULTAS

2.ª, 3.ª e 6.ª feiras

da parte da tarde

CONSULTÓRIO

Rua 31 n.º 321 — ESPINHO

## MOSELOS

# Igreja e Mundo Operário

Na sequência do Encontro de Pastoral Operário realizado em Coimbra a 13 de Janeiro, com a participação de mais de 1000 trabalhadores cristãos de todo o país, realizou-se na Residência Paroquial de Moselos um encontro regional de operários cristãos no sentido de avançar

rem com um trabalho organizado. Estiveram presentes trabalhadores cristãos de Oleiros, Moselos, Nogueira e Lamas, tendo faltado Lourosa.

Foi feita uma introdução no sentido de nos situarmos como Igreja num meio operário, com os seus valores, a sua cultura,

os seus sofrimentos, lutas, opressões, injustiças gritantes, vindas do desequilíbrio entre o que se produz e o que se recebe, e também com as formas de alienação e ignorância da parte de muitos trabalhadores, que os leva ao individualismo e à divisão.

Fez-se uma breve história dos últimos anos da Igreja em Portugal até aos nossos dias, com a progressiva tomada de consciência da participação e maturidade dos leigos. Houve tempo em que os leigos eram meros ajudantes do Padre ou Bispo, fechados na sacristia ou em tarefas puramente religiosas. Hoje assim acontece e, apesar da Igreja o ter reconhecido e ter afirmado que o lugar dos leigos era no meio das tarefas do mundo, metidos no social e

político, não tem sido coerente na aceitação prática das consequências que isso traz. Daqui a principal razão para o conflito actual entre a hierarquia da Igreja e os movimentos operários. Têm uma cultura e vida bem diferentes das dos operários e não os percebem nem fazem esforço para isso. Logo julgam de cima como quem tudo sabe.

Uma Igreja incarnada no meio em que vive, atenta e interessada com a vida concreta do povo a que deseja servir, no seu crescimento e libertação, é bem diferente dum Igreja de ritos religiosos separados da vida e com uma pregação teórica e que passa por cima das cabeças das pessoas.

continua na página 4

## PASSA - SE

ARMAZÉM C/ 100 m<sup>2</sup>

Falar na rua 4 n.º 668 - Telef. 921324 - ESPINHO

# Acidentes no caminho de e para o trabalho

O acidente no trabalho já não é aceite exclusivamente como o que vitima o trabalhador no período de laboração e no local de trabalho.

De facto, os trabalhadores vêm sendo obrigados a deslocar-se cada vez maiores e mais difíceis para se apresentar no local onde prestam serviço e daí que haja em muitos países a extensão ao caminho percorrido, da protecção legal que existe ao trabalho dentro da empresa.

Em Portugal, sob a designação de «acidentes in itinere», há já certos desastres ocorridos nos percursos que dão lugar a tratamento semelhante aos acidentes de trabalho. Porque é por vezes difícil distinguir entre os acidentes de trajeto que podem ou não dar lugar a reparação vamos fazer um breve apanhado das disposições legais que contêm esta matéria.

Para que o trabalhador acidentado tenha direito à protecção legal é necessário que se verifique uma das seguintes condições:

I — Que o transporte seja fornecido pela entidade patronal;

II — Que o percurso normal do trabalhador seja particularmente perigoso;

III — Que circunstâncias excepcionais tenham agravado o risco a que o trabalhador habitualmente se expõe no seu caminho.

O primeiro caso é muito fácil de imaginar. Se a empresa põe à disposição do seu pessoal uma carrinha e esta tem acidente de viação, não há dúvida que os danos sofridos pelos utilizadores da carrinha em consequência do desastre ocorrido devem ser reparados como se de problema laboral se tratasse.

O segundo caso já é mais difícil de configurar pois exige cumulativamente a verificação de duas condições:

I — Que o trabalhador utilize um percurso «normal»;

II — Que o acidente seja devido ao facto de o trajeto percorrido ser especialmente perigoso.

Para saber qual é o percurso normal temos primeiro que saber quais os seus pontos extremos. Diz a lei que o percurso protegido é o existente entre o local de trabalho e a residência habitual ou ocasional do trabalhador acidentado. Assim temos que nos preocupar com três elementos:

I — Local de trabalho;

II — Residência habitual;

III — Residência ocasional.

Por local de trabalho entende-se toda a zona de laboração da empresa bem como:

— o local de pagamento da retribuição se o trabalhador aí se dirigiu para receber o salário;

— o local onde ao trabalhador deve ser prestada qualquer forma de assistência ou tratamento em virtude de anterior acidente.

Quanto à residência habitual podemos dizer que é o domicílio do trabalhador, a casa onde ele habitualmente vive. A residência ocasional poderá ser por hipótese uma residência secundária utilizada durante o verão.

Logo, se no seu trajeto entre os pontos indicados o trabalhador utilizar um caminho «normal» que poderá ser o mais curto ou o mais fácil, terá direito à indemnização se aque-

le for considerado excepcionalmente perigoso, se incluir, digamos, uma passagem de nível, uma ponte em mau estado, uma vereda íngreme, etc.

Finalmente na terceira hipótese apontada poderá ainda o trabalhador beneficiar do regime prescrito na lei se o seu trajeto «normal» não sendo especialmente perigoso apresentar nesse dia risco maior do que o habitual. No caso, entre outros, de uma inundação que torne de trânsito difícil uma estrada o desastre verificado poderá ser considerado como «acidente in itinere». Resumindo:

Os chamados acidentes in itinere só dão direito a reparação quando se verificarem:

I — Em meios de transporte fornecidos pela entidade patronal;

II — No trajeto «normal» entre a habitação e o local de trabalho se esse trajeto fôr considerado especialmente perigoso;

III — No trajeto «normal» entre a habitação e o local de trabalho, se esse trajeto não sendo habitualmente perigoso apresentar nesse dia qualquer perigo específico.

(compilado do artigo «Acidentes em itinere» de Fernanda Alegria, do Ministério do Trabalho).

## MOSELOS

continuação da página 3

Também aqui se falou da evolução da Acção Católica ao longo dos anos.

Os operários cristãos descobriram que não era fatal que os pobres vivessem sempre pobres à espera das esmolas dos ricos; descobriram que Deus não podia apoiar ao mesmo tempo a miséria, carência e sofrimento dos pobres e o luxo, esbanjamento e armazenamento dos ricos. O Deus daquele que é castigado, desprezado, preso por denúncia política, não podia ser o mesmo deus do que oprimia, denunciava, desempregava e deixava famílias inteiras na miséria e no desespero. Daqui surgiram duas atitudes: uns desacreditaram na Igreja e abandonaram-na. Hoje muitos deles são indiferentes ou até ateus, embora honestamente lutando pela justiça; outros empenharam-se em dar um outro rosto à Igreja, que acreditam ser o de Jesus Cristo. Um rosto libertador e de esperança.

Recordou-se uma velha quadra dita por um velho operário cristão desta terra:

«Cantigas e procissões  
Fados, Fátima e bola,  
São as únicas diversões  
Dum povo que pede esmolas.»

## Igreja e Mundo Operário

Alguém acrescentou que a palavra «Fátima» é que gera polémica, quando é assim colocada, mas outros disseram que quem quer entender entende, desde Portugal à Espanha com Blás Pinar.

Em seguida falou-se sobre o mundo operário e seus traços característicos e do caminho andado com tantos sofrimentos, e que não podemos deixar perder, para a partir dele avançar. Falou-se da Igreja como força de libertação no Brasil, na recente entrevista de Alípio de Freitas, da América Latina e outros países. Referiram-se sinais positivos e muito evangélicos, que e vivem já no meio da classe operária, que luta por uma Igreja mais identificada com os pobres.

Passou-se em seguida um diaporama sobre a Igreja em Portugal nos últimos anos, com figuras vozes e músicas do passado e do presente deste país e bem conhecidas.

Isto ajudou o trabalho de grupos que se seguiu e o plenário deixou muitas questões em aberto para serem tratadas no futuro.

Escolheu-se ainda um grupo coordenador para dar continuidade a este trabalho de pastoral operária, que é para todos uma esperança.

### TRIANGULO



CAFÉ — BAR  
COZINHA REGIONAL

Aberto até às 2 horas da manhã  
Especialidade em Francesinhas, etc.  
Ângulo das ruas 15 e 22 — Telef. 920997 — ESPINHO  
(Encerramento às 5.ª feiras para descanso do pessoal)

Uma casa especializada em flos de tricot e Industrials

### Boalã

Rua 14 n.º 647 Telef. 922191 ESPINHO  
(entre as Ruas 21 e 23)

Descontos especiais para tricoteiras

## Autarcas Socialistas debatem Poder Local

No dia 15/3/80, realizou-se em Aveiro o 3.º Encontro dos Autarcas Socialistas do Distrito — tendo em vista analisar a situação político-administrativa regional, proceder a um balanço da actividade dos membros dos órgãos dos concelhos e freguesias de Aveiro eleitos em listas PS e reformular a estratégia aveirense de intervenção socialista ao nível do poder local.

A reunião contou com a presença de numerosos autarcas, representativas de todo o distrito, tendo sido presidida pelo deputado Avelino Zenha.

A Assembleia aprovou diversas moções, designadamente repudiando os saneamentos políticos que o Governo AD tem feito de socialistas competentes e outros democratas, denunciando a corrupção que campeia no MAP e o desrespeito do Governo AD pela lei da Reforma Agrária, denunciando o descarado assalto das forças direitistas à comunicação social e exigindo a execução do Serviço Nacional de Saúde democraticamente aprovado em 1979 na Assembleia da República.

Foi ainda deliberado tornar públicas as principais conclusões do encontro, de que destacamos as seguintes:

— A plena concretização de uma democracia real requer a participação das populações na

vida colectiva regional, o reforço do poder local e autênticas medidas de descentralização;

— Verificam-se sérios indícios de que o Governo AD pretende travar a descentralização político-administrativa da vida nacional, chamando a Lisboa (à boa maneira do antigamente...) decisões que deveriam ser confiadas a serviços periféricos regionais e aos quadros municipais;

— O Governo de Sá Carneiro e as forças conservadoras e reaccionárias que o apoiam não aceitam os princípios constitucionais de um verdadeiro poder local, preparando-se para embargar a aplicação da Lei das Finanças Locais e para — na Assembleia da República — distorcer a Lei de Delimitação de Competências entre os poderes central, distrital e local, diplomando estes que contrariam o centralismo burocrático dos governos autoritários;

— Os autarcas socialistas de Aveiro, conscientes da importância económica e social do seu distrito na vida do País, não deixarão que o Poder Local favoreça outras regiões mais simpáticas ao calculismo político da AD, em detrimento dos direitos e legítimas expectativas das laboriosas e progressistas populações que representam;

— Verifica-se que os graves

problemas de poluição que afectam diversas zonas do distrito, designadamente comprometendo significativas áreas agrícolas e o futuro do Vouga e da Ria de Aveiro, não estão a ser estudados pelo Governo AD (preocupado em acautelar bons lucros aos capitalistas que constituem a sua base social de apoio);

— O Governo AD não iniciou ainda a execução de qualquer das urgentes medidas de defesa da costa que o litoral aveirense exige, ao nível de Espinho, Paramos, Esmoriz, Furadouro e Costa Nova;

— Muitas das Câmaras e das juntas de freguesia dominadas maioritariamente pelo PSD e pelo CDS continuam a gastar os dinheiros públicos em obras de fachada, a proteger ilegítimos interesses dos ricos e poderosos e a descuidar as verdadeiras carências gerais da população;

— Os órgãos da comunicação social controlados pelos partidos da direita reaccionária têm frequentemente dado escandalosa cobertura a inaceitáveis deliberações dos respectivos mandatários autárquicos, calando justas reclamações do povo e ignorando as descaradas manobras de protecção aos caciques locais que no distrito de Aveiro se têm verificado;

— Os autarcas socialistas de Aveiro estão firmemente dispostos a defender o regime construído em 25 de Abril — lutando contra todas as manobras que visem pôr em causa as instituições democráticas e intentem fazer regressar o país à tirania e ao obscurantismo do salazar-marcelismo.

### Moreira da Costa

CIRURGIA GERAL  
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520-1.º  
Telef. 921014  
ESPINHO

### STAND SERZEDENSE

Antonio Martins da Silva  
Assistência Total  
Agente: SACHS SIS — EFS  
Tel. 9820875 — SERZEDO  
V. N. DE GAIA

### SNACK - BAR PRÍNCIPE RESTAURANTE

Rua 14 n.º 473 (âng. Rua 15)  
Telef. 922247 — ESPINHO

CLINICA GERAL

### J. Pinheiro de Moraes

Rua 20 n.º 390  
TELEF. 920452

### Talho e Charcutaria CENTRAL

Servir bem — Boas carnes  
Rua 15 n.º 268 - ESPINHO

# ABRIL - MÊS DA LIBERDADE



## CONSTITUIÇÃO E PRÁTICA

Passou ontem o 4.º Aniversário da Constituição. Com efeito, em 2 de Abril de 1976, a Assembleia Constituinte encerrava os seus trabalhos, aprovando a nova Constituição, considerada, na altura, uma das mais progressistas e avançadas da Europa capitalista.

A Constituição foi aprovada com os votos favoráveis do PS, PCP, PPD, MDP e UDP. O CDS votou contra.

A Constituição consagra as grandes transformações económicas, políticas e sociais operadas em Portugal depois do 25 de Abril.

A Constituição consagra as nacionalizações, a reforma agrária e o controle de gestão. Consagra os direitos à greve, ao trabalho, ao ensino e à cultura. Consagra as liberdades de associação, de reunião, de manifestação, de imprensa, etc.

### 4 ANOS DEPOIS

A Constituição é uma arma de luta fundamental nas mãos dos trabalhadores e do povo português; por isso a direita, de uma forma desenfreada, a ataca e a quer destruir. Com a sua destruição, pretende a direita destruir o 25 de Abril, o regime democrático, e afundar Portugal, a médio prazo, numa nova ditadura.

Quatro anos depois, o Governo AD, o mais à direita após o 25 de Abril, lança uma violenta ofensiva contra o regime democrático, as conquistas da revolução, as liberdades, os direitos dos trabalhadores e, naturalmente, contra a Constituição que os consagra.

Este governo tem objectivos muito concretos: por um lado, com as leis que com a sua «maioria» aprovou ou pretende aprovar na AR (caso da nova lei eleitoral e da lei de alteração à lei que delimita os sectores público e privado); por outro, com a sua acção violenta, a fazer lembrar velhos tempos (de que são exemplo, a brutal repressão nas terras da reforma agrária ou a carga da Polícia de Intervenção em Lisboa após a manifestação de 22 de Março último) o Governo dispor da maioria absoluta na AR (e «esquecendo» que ela não tem poderes de revisão) prepara-se para, de uma forma mais velada, não rever a Constituição, mas sim substituí-la.

Mas façamos uma breve análise. A Lei de Alteração à Lei sobre a delimitação dos sectores público e privado, que a maioria parlamentar sancionou, é do seguinte (e algo lacónico) teor:

*«Fica o Governo autorizado a alterar o Decreto-Lei n.º 46/77 de 8 de Julho».*

Ora bem, esta própria Lei de Autorização é, por si só, inconstitucional; isto porque o n.º 1 do artigo 168.º da Constituição diz claramente que a AR «pode autorizar o governo a fazer decretos-leis sobre matérias da sua exclusiva competência», e mais, especifica que a AR deve «definir o objecto e a extensão da autorização». Ora o que se passou foi que a «maioria» deu carta branca ao governo para este fazer o que muito bem lhe apetecer. O governo com esta Lei, e se ela fosse promulgada, poderia destruir as nacionalizações. Acto também inconstitucional, pois no n.º 1 do artigo 83.º pode ler-se que «todas as nacionalizações efectuadas depois de 25 de Abril de 1974 são conquistas irreversíveis das classes trabalhadoras.»

Claro que com a entrega ao grande capital de empresas consideradas dentro dos sectores básicos da economia (nomeadamente banca e seguros) estão a criar-se as bases necessárias para que, a curto prazo, o poder económico se transforme em poder político, ou para que este se submeta àquele, como acontecia até ao 25 de Abril.

### REFORMA...

O segundo aspecto da acção inconstitucional do governo que queremos mencionar, é a brutal, ilegal, inconstitucional e corrupta aplicação da Lei das Bases da Reforma Agrária (usualmente Lei Barreto).

A Lei Barreto é bastante ambígua; segundo o seu próprio autor, a sua aplicação pode beneficiar tanto os trabalhadores como os latifundiários, consoante o governo que a aplica.

Recordamos uma vez mais o artigo 83.º, pois a nacionalização da terra foi também feita depois do 25 de Abril e é uma conquista irreversível das classes trabalhadoras.

O que o governo, actualmen-

te, tenta fazer é, pura e simplesmente, destruir a reforma agrária. E fá-lo dando as terras aos agrários que sempre as tiveram e nunca as trabalharam, retirando-as aos trabalhadores que num esforço patriótico as cultivaram contribuindo decisivamente para o desenvolvimento da nossa economia, pese embora todos os escolhos com que depararam pelo caminho. O aumento da produção e da área cultivada, o desenvolvimento da pecuária, a quase desaparecimento do desemprego na zona de intervenção da reforma agrária são realidades indelmentáveis.

### ... AGRÁRIA

O governo entrega reservas por «motivos sentimentais»; o governo viola a própria Lei Barreto. O MAP afunda-se na corrupção, como já foi publicamente denunciado pela oposição e os trabalhadores.

No entanto, a reforma agrária continua de pé. Os trabalhadores, em alguns casos, voltam às terras que lhes foram roubadas e recomeçam o trabalho.

Fazendo uso apenas dos meios legais e no quadro da Constituição, os trabalhadores defendem a reforma agrária contra o governo da ilegalidade.

A outros níveis, os saneamentos políticos que o governo ordenou na comunicação social estatizada, permitem-lhe utilizar estes importantes órgãos (desde a RTP aos jornais) para propagandear, demagógica e cinicamente, a actuação do governo.

Convém aqui referir que, por exemplo, a Constituição assegura «a possibilidade de expressão e confronto das diversas correntes de opinião nos meios de comunicação social» estatizada (art. 39.º); segundo ainda a Constituição «os partidos políticos e as organizações sindicais e profissionais terão direito de antena na rádio e na televisão, de acordo com a sua representatividade» (art. 40.º).

No entanto, basta ver uma edição do Telejornal na RTP-1, e as dúvidas (se ainda existirem) facilmente desaparecerão quanto aos tempos de antena do governo e da «maioria» e os da oposição.

E o Congresso da CGTP/IN? Porque não foram passados os filmes deste Congresso? Não

## CONSTITUIÇÃO:

### O TEXTO E O ACTO

A Constituição política do nosso país, promulgada a 2 de Abril de 1976 é a base de toda e qualquer norma jurídica, isto é, numa hierarquia de leis a norma constitucional ocupa o topo. Como tal e antes do mais, ela deverá ser tida em conta como princípio primeiro, geral e obrigatório. Ora é isso que muita gente «desconhece» (o que não é argumento, por muito leigo que se seja em matéria jurídica) a começar pelo primeiro-ministro do Governo A.D., Sá Carneiro.

As tropelias cometidas em torno do texto constitucional são de facto das mais flagrantes já acontecidas. Daí que se justifique uma comparação entre a norma e o acto, realçando não uma hipotética incapacidade legal daquela, mas a forma como um órgão de soberania viola descaradamente a Constituição, que os portugueses democraticamente escolheram para sua.

#### ARTIGO 115.º

*A validade das leis e dos demais actos do estado, das regiões autónomas e do poder local depende da sua conformidade com a Constituição.*

Este artigo só por si é suficiente para demonstrar a obrigação do governo em cumprir as normas constitucionais. Mas o facto é que Sá Carneiro e o seu séquito, criam decretos-lei verdadeiramente incríveis e aplicam leis, já por si ambíguas, de uma forma inaceitável em conformidade com a constituição.

#### ARTIGO 2.º

*A República Portuguesa é um Estado democrático, baseado na soberania popular (...) que tem por objectivo assegurar a transição para o socialismo (...)*

Portugal é cada vez menos um estado democrático e o socialismo, com governos desta estirpe, encontra-se cada vez mais distante dos anseios da maioria efectiva dos cidadãos portugueses.

#### ARTIGO 10.º

*2. O desenvolvimento do processo revolucionário impõe, no plano económico, a apropriação colectiva dos principais meios de produção.*

O processo revolucionário

sofreu uma involução, o que se reflecte em vários campos: é na zona de intervenção da reforma agrária, em que as terras colectivamente exploradas pelos trabalhadores depois de os latifundiários as terem dotado ao abandono, são de novo a estes entregues; é nas empresas industriais que funcionando em auto-gestão, são constantemente desintervencionadas (lembremos que segundo o artigo 61.º «2. Serão apoiadas pelo estado as experiências de autogestão»).

#### ARTIGO 83.º

*1. Todas as nacionalizações efectuadas depois de 25 de Abril de 1974 são conquistas irreversíveis das classes trabalhadoras.*

As culpas de violação deste artigo não deverão ser unicamente inculcadas ao Governo A.D.. Na realidade, já em Abril de 1977, o governo P.S., parecendo esquecer tal preceito constitucional, fez aprovar na A.R., com o apoio dos votos do P.P.D. e C.D.S., um decreto-lei de delimitação do sector público e privado, que permite a entrega de dezenas de empresas nacionalizadas à gestão pelo capital privado.

#### ARTIGO 185.º

*2. O Governo define e executa a sua política com respeito pela Constituição, por forma a corresponder aos objectivos da democracia e da construção do socialismo.*

O governo como se viu pelos exemplos dados e por muitos outros que se poderiam apontar, nem respeita a constituição, nem corresponde aos objectivos da democracia e do socialismo, pois trata-se de um governo anti-popular porque pró-capitalista, defendendo preceitos que já nem social-democratas se poderão considerar, quanto mais socialistas.

Não obstante tais violações, a constituição continua a representar um muito grande obstáculo para os planos daqueles que pretendem liquidar o democracia portuguesa e as conquistas da revolução, e constitui uma arma muito valiosa nas mãos dos trabalhadores e de todos os democratas na luta pela consolidação do regime democrático.

terá a CGTP representatividade alguma? E quando é que a oposição terá direito a, através da RTP-1 e a uma «hora nobre», expor os seus pontos de vista, como o teve recentemente o governo com uma extensa entrevista dada por Sá Carneiro?

## COMEMORAR É DEFENDER

Pelo que atrás dissemos (e muito ficou por dizer), come-

morar o 4.º Aniversário da Constituição é defender o 25 de Abril, é defender a reforma agrária e as outras conquistas da revolução. Comemorar a Constituição é lutar pela substituição deste governo que tem uma prática nitidamente inconstitucional, não serve os interesses do país e dos trabalhadores. Trabalhadores que nas ruas proclamam que «mais tarde ou mais cedo, com a nossa luta, Sá Carneiro irá mesmo para a rua».

# DA VIDA E DAS OBRAS

Eça nasceu em 1845, na Póvoa de Varzim. Originário da burguesia culta, filho de um magistrado, foi afastado dos pais por ter nascido em circunstâncias irregulares.

Estudou Leis em Coimbra, onde representou no Teatro Académico, e passou como figurante de segundo plano nos movimentos estudantis e literários chefiados por Antero de Quental. Entretanto, lá foi respirando o novo clima intelectual. Quase no fim do curso, estreia-se como escritor, colaborando na Gazeta de Portugal. As suas Notas Marginais, porém, foram bastante estranhadas, dada a novidade do estilo literário que Eça apresentava.

## Carreira diplomática

Abre banca de advogado em Lisboa. Dirige por curto tempo um jornal em Évora. Regressando a Lisboa, estuda Proudhon. Viaja ao Oriente, onde assiste à inauguração do canal do Suez.

Publica no Diário de Notícias, em folhetins, O Mistério da Estrada de Sintra — um certo precursor das actuais novelas policiais. Com Ramalho Ortigão lança as Farpas. Tendo passado algum tempo a trabalhar em Leiria, aí situa o célebre O Crime do Padre Amaro.

Em resultado de um concurso para a carreira diplomática, é colocado em Havana em 1872. Nunca mais viverá regularmente em Portugal, cá passando apenas curtos períodos. Em 1874 é transferido para Inglaterra. Aí escreve O Primo Basílio. Outras obras como A Capital, O Mandarim e A Relíquia vão surgindo, ao lado de comentários extremamente sagazes sobre a vida política mundial (Cartas de Inglaterra).

## Morte em Paris

Com a publicação de Os Maias em 1888 encerra-se uma fase da vida de Eça. Ligara-se a uma família aristocrática, casando com a irmã do conde de Resende, seu amigo. É nomeado cônsul em Paris em 1889 e aí se fixa. Escreve ainda algumas obras (Correspondência de Fradique Mendes, A Ilustre Casa de Ramires, A Cidade e as Serras), dispersando-se também pela colaboração em jornais portugueses e brasileiros, além da Revista de Portugal, que funda e dirige (nela colaboram Antero, Oliveira Martins, Alberto Sampaio, etc.).

É no meio desta azáfama, aliás destinada a prover a uma família cada vez mais numerosa, que Eça morre (em Paris, portanto) em 1900.

## A tragédia da «Tragédia da Rua das Flores»

Mal sonhava Eça de Queiroz que a sua «Tragédia da Rua das Flores» viria a ser não uma mas duas tragédias. A primeira, a do incesto que conduz toda a trama do romance. A segunda, a do escândalo causado pela publicação de duas versões de um mesmo livro (que mais parecem dois livros diferentes!).

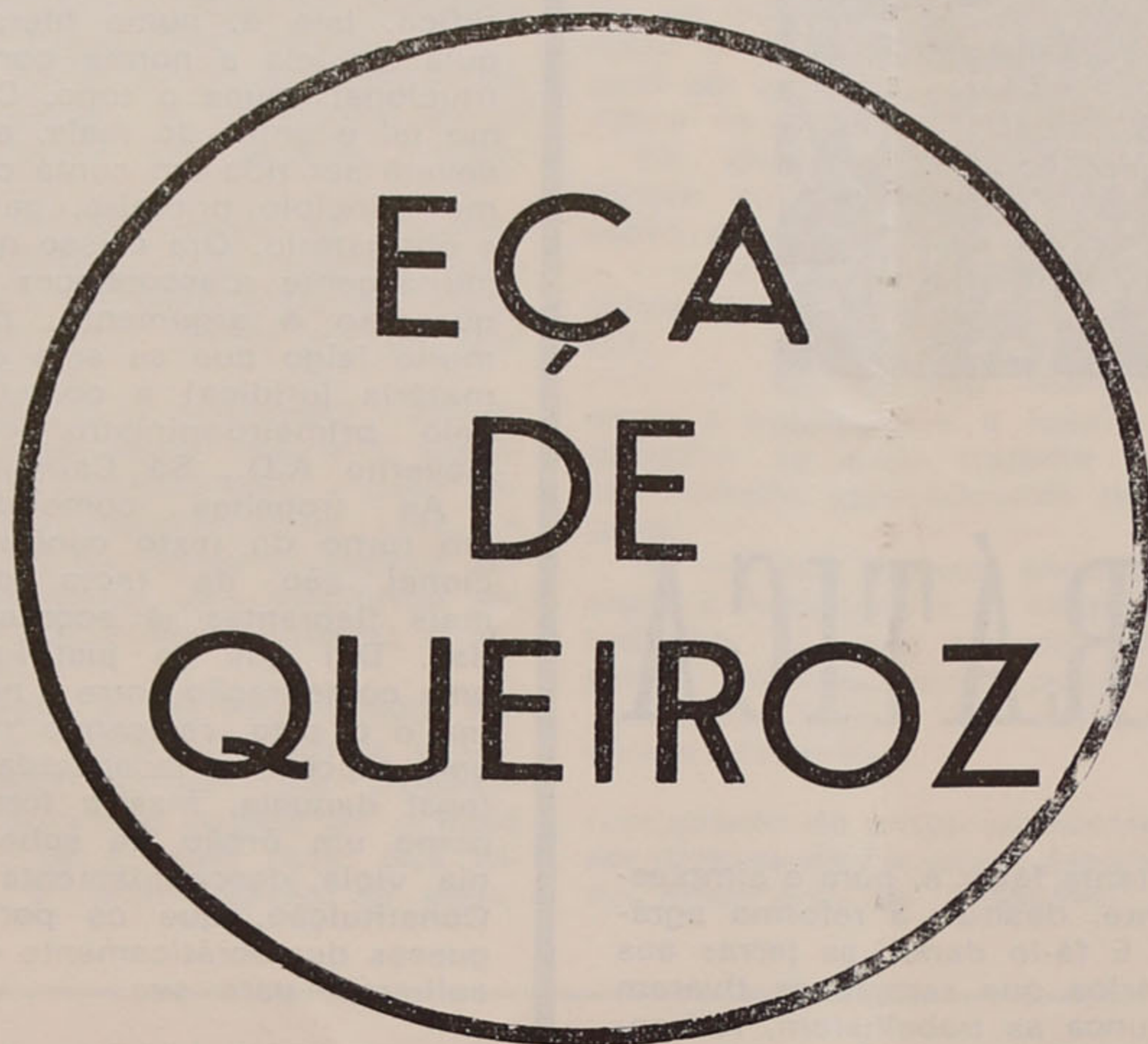
Vão passados já oitenta anos sobre a morte de Eça. Só agora, por questões diversas, veio a público este inédito daquele que foi um imenso artífice da língua portuguesa, uma língua que em nenhum outro escritor parece tão bonita. Uma tragédia de amor veio a provocar, na sua edição, um verdadeiro escândalo artístico e económico,

que os jornais têm abundantemente referido. Já não é de amor que se trata. É, quando muito, de amor ao dinheiro. E de grande falta de escrupulo.

Ontem era Genoveva, Vítor, Dâmaso, tantas outras personagens desenhadas com finura e arte, como só Eça sabia fazer. Hoje, é Sousa Pinto, editor de «Livros de Brasil»; é Mascarenhas Barreto, salvo erro calígrafo, que em dois meses consegue tempo para, simultaneamente, decifrar e assassinar Eça. Por trinta dinheiros. Do outro lado está «Moraes Editores»; estão, sobretudo, João Medina e Campos Matos, estudiosos, que levaram apenas dois anos para fornecer o verdadeiro Eça de Queiroz.

O tal calígrafo, não há dúvida, escarnece do trabalho sério. Faz pouco dele. Em duas penadas, vigariza o público que julga comprar Eça e compra... Mascarenhas Barreto! E o mais grave é que a edição de «Livros do Brasil», esse crime literário, saiu à rua em primeiro lugar, 130\$00 mais barata que a edição autêntica (da Moraes) e já foi mesmo exportada para o Brasil! Entre outras coisas, é uma edição ridícula, preñe de anedotas, de erros, de falhas, de chinecices incompreensíveis. Só merece a nossa gargalhada de desprezo.

Até por estes domínios cam-pela a impunidade. Para não destoar...



## RETRATO

Uma noite, junto da mesa onde escrevia o Severo, vi uma figura muito magra, muito esguia, muito encurvada, de pescoço muito alto, cabeça pequena e aguda que se mostrava inteiramente desenhada a preto intenso e amarelo desmaiado.

Cobria-a uma sobrecasaca preta abotoada até à barba, uma gravata alta e preta, umas calças pretas... Tinha as faces lívidas e magríssimas, o cabelo corredio muito preto, do qual se destacava uma madeixa triangular, ondulante, na testa pálida que parecia estreita, sobre olhos cobertos por lunetas fumadas, de aros muitos grossos e muito negros. Um bigode farto, e também muito preto, caía aos lados da boca grande e entreaberta onde brilhavam dentes brancos. As mãos longas, de dedos finíssimos e cor de marfim valho, na extremidade de dois magros e longuíssimos braços, faziam gestos desusados com uma badine muito delgada e um chapéu de copa alta e cônica, mas de feltro baço como os chapéus do século XVI.

Era Eça de Queirós.

(De um seu contemporâneo)

## UMA PÁGINA DE EÇA

Numa praia da Normandia, ao entardecer, diante do mar que lentamente adormece, e do céu onde apenas resta a vermelhidão afogueada e cansado do coruscante sol que o sulco, está estendida sobre a fina areia uma família, gozando a majestade e a frescura do crepúsculo, naquele recolhimento decoroso que compete a quem alugou um chalet de três mil francos, e acarretou de Paris cavalos e carruagens para comunicar luxuosamente com a Natureza.

No meio avulta fortemente a madama, obesa, entronada sobre a sua cadeirinha de palha, com uma boina

branca, e, sobre os ombros mais largos que ancas de égua, uma capeline a que se sente, mesmo de longe, a riqueza e o preço alto. Ao lado, o marido, magricelas e mole, desenha apenas, na areia pálida, um traço escuro. Outra forma encolhida, com os joelhos agudos contra o queixo agudo, é talvez de um parente ou de um parasita. E a única linha nobre e digna ressalta de dois cães enormes, sentados

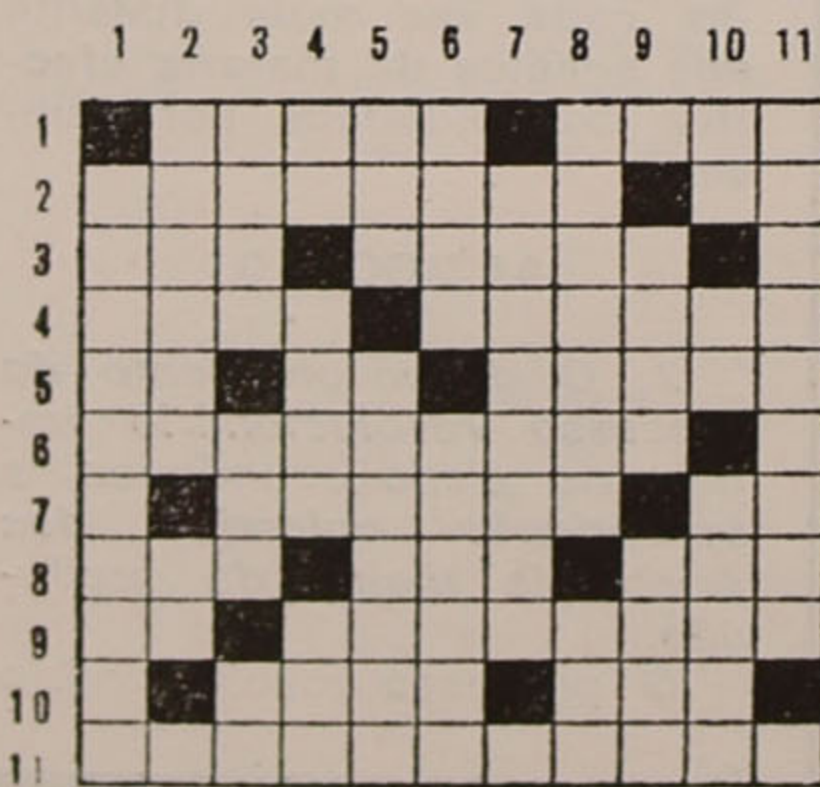
com o focinho para o mar, em desconfiança, na esperta guarda dos seus donos, atentos àquele rolar da vaga, pequenina e lenta, mas que teimosamente avança para eles, espumando e rosando.

Nesta beleza, e nesta quietação magnífica, alguém aparece, atravessa, vagarosa e pensativamente, por trás, sobre as dunas do areal. Aos brandos passos, imediata-

mente, os dois cães saltam latindo com furor, arremetem contra aquele temerário, que ousou pisar a areia dos seus amos e caminhar para o mar dos seus amos. Inquieto, o marido corre, em largas pernadas esguias, de bengala erguida, retendo e ameaçando os cães... E então da vasta massa da madama rompe um brado rouco, um brado áspero, um brado sublime: — *Imbécile! Qu'est-ce que vous avez à gronder ces pauvres chéris? Eh bien... Quand ils mordront on paiera le médecin!*

(EÇA DE QUEIROZ in *Notas Contemporâneas*)

## PALAVRAS CRUZADAS — 60



### HORIZONTAIS

1 — Filarmónica; predeci com elos; 2 — O trabalho destes homens é dos mais violentos e prejudiciais à saúde; 999; 3 — Forma poética; nome genérico das cooperativas de recuperação de crianças inadaptadas, de que temos um exemplo em Espinho; 4 — Planta também chamada «norca»; o mês do calor e das férias; 5 — A ti; actriz francesa que fez furor com o filme de Roger Vadim «E Deus Criou a

mulher»; mesa de culto; 6 — A língua internacional; 8 — Nome da companheira de Popeye; saudável; 8 — Gemidos; cútis; Grupo de Testes e Investigações; 9 — (S. q. do sódio; branquearias; 10 — Abandonar; inferior (abrev.); 11 — Homem que se dedica ao estudo descritivo e da vida nos oceanos.

### VERTICAIS

1 — Serra que continua o sistema montanhoso da serra da Estrela; 2 — Vasilhas cilíndricas de grande capacidade; andava; 3 — Aliança; colocou; catedral; 4 — S. q. de neon; a primeira vítima de assassinio,

segundo a Bíblia; erva-mate; 5 — Quinhentos e noventa e nove; a Grã-Bretanha, segundo os seus habitantes; 6 — Superfície; a Veneza de Portugal; 7 — Dispõe de modo funcional; 8 — Grupo de protecção; sorrir; 9 — Esta coisa; nome de mulher; 10 — Nesse luag; basta; palavra inglesa, modernamente usada pelos tecnocratas para designar «gabinete, equipa de trabalho»; 11 — Introduzir no país.

### SOLUÇÕES DO N.º 59

#### HORIZONTAIS

1 — Agitações; 2 — Vã; at; previ; 3 — Alia; Amin; 4 — Levante; eia; 5 — Semeares; 6 — Omio; fastio; 7 — Roa; gerarem; 8 — AJ; mug; ene; 9 — late; aos; At; 10 — Seriar; ar 11 — Socialismo.

#### VERTICAIS

1 — Aval; orais; 2 — Ga; Esmojães; 3 — Aveia; tro; 4 — Tálamo; MEIC; 5 — Atine; GU; af; 6 — Atafegara; 7 — Operário; 8 — Era; esa; sai; 9 — Semestre; Rs; 10 — VII; lena; 11 — Dinamómetro.

FÁBRICA DA BRASILEIRA

Ramiro de Sá Couto, L.ª

Caixas de Cartão Canelado

Papéis - Embalagens - Artes Gráficas

Telef. 9642101 Apartado 11 S. Paio de Oleiros

## CICLOMOTORES DE ESPINHO

ANTÓNIO F. DE SÁ ALVES

Armazém de acessórios para qualquer marca de motorizadas e bicicletas

Motorizadas — Bicicletas — Acessórios

Rua 20 n.º 735 Tel. 920216 Apartado 107 ESPINHO

## FUTEBOL

## SP. ESPINHO, 0 - BOAVISTA, 2

## A TAL FALTA DE REMATE...

Na verdade nem só de inflacões, confrontos, crises institucionais e similares se alimentam as questões nacionais, já que a tão propalada questão da falta de remate no futebol continua a estar na berra e a justificar os desaires, os nulos dos domingos. E a equipa do Espinho tem, também, afinado pelo mesmo diapasão, demonstrando uma nitida falta de soluções de ataque. Foi com o Sporting, já foi antes, voltou a sê-lo no passado domingo com o Boavista, agora mais firme no «mercado comum» do futebol. E, assim, fica-se com uns ameaços de ajudas côlicas, com muitos concorrentes a agarrarem-se pelos fundilhos

## INSISTE, INSISTE

Desde o início os «tigres» começaram a rondar o reduto de Matos, cruzando, tentando ultrapassar a sólida e numerosa muralha de pernas que se colocava a modificar o curso da bola. A defesa «axadrezada» mantinha-se, pois, firme, resoluta, reforçada pelos homens do meio-campo, cumprindo uma tática de retenção da bola, de defesa do nulo inaugural. E Mória corria, infiltrava-se, às vezes fintava-se a ele próprio, perdia a bola. Coelho aparecia a centrar quase sempre mal e Canavarro estava muito diferente dos últimos jogos. Reis começava as jogadas muito atrás, faltando o homem-oportunidade cá na frente. Só o trio do miolo é que dava mais nas vistas e Sobral chegou a provocar o primeiro churricho de piropos à maternidade do árbitro e do seu auxiliar do lado da banca-da. Que houve alguém a provocar a queda do «n.º 8» não há dúvidas, mas o jogo continuou. Remates viste-os nos resumos das jornadas internacionais que o Espinho queria e o Boavista interessava-lhe pôr o adversário com a língua de fora. Mesmo assim Folha (de cabeça) obrigou Gaspar a mostrar que também sabe e Ailton pensou que era contra o Marítimo e queria que o livre indirecto fosse directo. Gaspar fez as respectivas vénias e deixou o esférico entrar, não fosse o árbitro tecê-las.

## VENTOINHA

Depois do intervalo Mário Lino mandou Almeida, a nova vedeta do Bessa, descansar e colocou no seu lugar o antigo benfiquista Moinhos, confirme intenção de dar mais força a um ataque de sem Júlio, sem Salvador, sem o «best» e de conquistar dois pontos e a quarta posição já que o Belenenses estava a apanhar poucas na Luz. Quanto ao Espinho as soluções sentadas no banco não eram famosas (nem Mané, nem Belinha). Assim ficou nas cabines Canavarro e entrou Santos, lento, sem rodagem, pouco habituado ao jogo da equipa, que fez muito menos que o seu an-

tecessor. Sobral, a suar por todos os lados, foi rendido por Cláudio, até agora pouco feliz nas suas raras e curtas aparições. Mesmo assim ainda lhe pertenceu a única oportunidade de remate, mas estava lá o pendular Artur para o que desse e viesse.

Minuto a minuto o assédio espinhense era cada vez mais raro, mais atabalhoado, mais fácil de neutralizar pela defensiva forasteira. E o refrescado Moinhos, tal qual ventoinha, começou a fazer das suas, a criar dores de cabeça e um pouco consentido pelos defesas da casa, lá fez rebentar a euforia na numerosa claque boavisteira. Faltavam dez minutos, as pernas eram poucas, já parecia o jogo com o Sporting! E o segundo golo não custou a aparcerer, tal era a atapalhação reinante. Moinhos-ventoinha está lá outra vez, para Ailton finalizar. A tradição cumpriu-se!

## BORDOADA

Como sempre o árbitro e os fiscais de linha foram os bodes de expiatório para as iras íntimas do cidadão amante da bola. Não foi um trabalho exemplar, os cartões amarelos (Vilça fez jogo perigoso) justificaram-se, só que o tal lance em que sobral beijou o pó deixa muitas dúvidas, além de um ou outro caso pontual.

No meio destas imprecisões diante da vedação, houve uma garrafa de cerveja que escapou e podia trazer problemas. O autor é que sofreu as consequências pois houve quem condenasse tal acto e molhasse, vigorosamente, a sopa, presenteando o exaltado indivíduo com valentes bordoadas, acabando este por vir cá para fora ladeado por dois polícias.

## E AGORA?

Se tivéssemos ganho (ou pelo menos empatado) outro galo cantaria. Agora uma derrota deixa as coisas mais pretas, adiadas, por força, da Páscoa para o dia 13. Será que vamos ter azar com o Marítimo, jogo que já muitos rotulam de quase-decisivo?

## HÓQUEI EM PATINS

## NACIONAL DA I DIVISÃO

Boa vitória da AAE, indispensável que era para que pudessem continuar as esperanças de evitar a despromoção. Os próximos jogos o dirão.

Entretanto, começou ontem com um AAE-F. C. Porto a fase final de juvenis do Torneio de Abertura, de qua ainda não damos o resultado por a essa hora esta edição já estar encerrada.

## HÓQUEI EM CAMPO

Campeonato Regional de Reservas AAE, 4 — Canelas, 0  
Campeonato Regional da II Divisão — A AAE venceu o Académico do Porto por falta de comparência.

De salientar que no jogo de reservas a AAE alinhou com apenas 8 jogadores contra 11 do adversário.

## MINITRAMPOLIM

## Júri tira título ao Sp. Espinho

Espinho foi palco, no passado fim de semana, de três provas de Ginástica: Torneio Regional de Estreantes de Ginástica Rítmica Desportiva, Torneio Regional de preparação de Ginástica Desportiva e Campeonato Nacional de Minitrampolim. Qualquer uma destas provas teve lugar no pavilhão Joaquim Moreira da Costa Jr.

Nas provas regionais houve um certo ascendente dos atletas do F. C. Porto, embora a maior participação, no caso da Rítmica pertence-

cesse à A. A. Espinho. No entanto, e segundo nos disseram, pois não podemos assistir a estas provas, o nível global não foi famoso.

Mas o prato fore era sem dúvida o Minitrampolim, onde o SEC discutia em seniores masculinos o título nacional por equipas. No entanto a verdade desportiva foi mais uma vez adulterada por juízes com pouca idoneidade moral, que se davam ao luxo de fazer as contas na mesa para saberem de que pontuação o

Sporting necessitava para ganhar. Tem sido no volei, no andebol, no futebol e agora na ginástica que o SCE tem sido prejudicado por árbitros e juizes e até pelas próprias entidades federativas. Era já tempo de o clube se saber impor e dizer BASTA de uma vez por todas.

Dentro do mau que se passou ficou o 2.º lugar por equipas em seniores masculinos e o 3.º lugar individual de Soledade Leite em seniores femininos.

## VOLEIBOL

## — Juvenis do S. C. E. na fase final

## — A. A. E. na III Divisão

## JUVENIS MASCULINOS

SCE, 3 — Nun'Álvares, 0

SCE, 3 — Leixões, 0

## SENIORES MASCULINOS

Vianense, 2 — SCE, 3

SCE, 3 — Col. Carvalhos, 0

AAE, 3 — Basq. Leça, 0

AAE, 3 — Cerveira, 0

Se os resultados dos Iniciados não aparecem referidos é porque não jogaram, devido a um estágio de jogadores iniciados em Gaia e que envolveu alguns elementos de diversas equipas.

Quanto aos juvenis, foi de facto surpreendente a sua pontuação final, a confirmar os bons indícios dados e que superiormente derrotaram as duas equipas mais directamente rivais, assegurando dessa forma a presença na fase final juntamente com o F. C. Porto e duas equipas do Sul. Os parabéns

portanto ao técnico Luís Resende e aos seus pupilos, alguns dos quais prometem vir a dar que falar no quadro voleibolístico português.

Também os seniores, a jogar com cinco juniores, afirmaram este fim-de-semana que são uma equipa para ficar na 1.ª Divisão Nacional, pese embora o deficiente nível técnico do seu jogo, resultante de uma crise que esperamos passageira, até porque parecia querer alastrar-se às categorias mais jovens. Cinquenta por cento das dificuldades já lá vão e há agora que ficar pelo menos em segundo lugar na próxima fase que ainda terão de jogar.

Entretanto, a equipa senior da AAE com as suas duas vitórias não evitou o que já era inevitável: a descida à III Divisão Nacional.

## Pinto de Matos

ESPECIALISTA

Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulacoes

REUMATOLOGIA

Rua 19 n.º 364 - 1.º — Telef. 921216  
ESPINHO

VISTA OS SEUS FILHOS

NA

## BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

## Maré Viva

O JORNAL DA REGIÃO

## Desporto em Paramos

## 14.º ANIVERSÁRIO DO GRUPO DESPORTIVO DA QUINTA — PARAMOS

A fim de comemorar o seu aniversário, o G. D. Q. convidou o Académico de Espinho para disputarem dois jogos entre as respectivas representações de futebol A e B. Realizaram-se no dia 29 último, tendo como palco o CAMPO DA BARRINHA, em Esmoriz, com os seguintes resultados, no conjunto favoráveis à briosidade colectiva paramense: Quinta B, 2 — Académico B, 2; Quinta A, 2 — Académico A, 0.

## TORNEIO DO FUTEBOL CLUBE DA CORREDOURA

Prosseguiram no campo do Regimento da Engenharia os jogos respeitantes a este torneio. O torneio iniciou-se no fim de semana anterior e teve os seguintes resultados no último fim de semana: Corredoura B, 0 — Shalk, 1; Corredoura A, 3 — Shalk, 0; Aguias A, 5 — Tigres, 0; Aguias B, 4 — Monte, 1.

## HALTEROFILIA

Deslocaram-se ao Estádio das Antas a fim de arbitrar a Taça Halterofilia — Fase Regional os árbitros Manuel José (paramense) e José Nery, classificados respectivamente em Nacional de 1.ª categoria e Nacional de 2.ª categoria. Ambos são da Académica de Espinho.

## CONSELHO DESPORTIVO

Em reuniões dos Clubes desportivos de Paramos e dum elemento da Junta da Freguesia, foi criado um Conselho Desportivo. Formam este órgão um elemento de cada Clube, ocupando o lugar principal do Conselho Domingos Monteiro, pela Junta, secretariado por Manuel José, representante dos Tigres.

 **Pá velha**

Confeitaria

Especialidades Regionais — Pastelaria sempre fresca

Angulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO

VENDE-SE

MAQUINA DE COSTURA EM BOM ESTADO

Favor contactar:

Telefone 922194  
ESPINHO

# Mare Viva

# COOPESPINHO

## Lar da Terceira Idade...

### TALVEZ SEJA AGORA

Parece que já não faltará muito tempo para que a construção do Lar da Terceira Idade se inicie.

Esta obra a cargo da Santa Casa de Misericórdia, depois de sucessivos protelamentos em virtude de dificuldades existentes na aprovação do projecto, deverá estar quase a arrancar segundo a impressão dos responsáveis locais, depois de recentes contactos com os Ministérios dos Assuntos Sociais e Obras Públicas.

Quanto ao Centro de Dia já não deverá faltar muito para que seja uma realidade, estão as obras a cargo da Orgel em andamento, ainda que este não seja tão acelerado como se desejaria.

E com obras há mais

despesas. E para mais despesas têm que aparecer mais receitas. Além da habitual compreensão de todos os espinhenses a Santa Casa irá passar a auferir, segundo despacho oficial, da renda de utilização do Hospital. Para tal estão duas comissões encarregadas de avaliar o móveis e imóveis pertencentes à Misericórdia que o Hospital Concelhio utiliza. Uma boa ajuda já que de subsídios não haverá nada, pelo menos até 1982.

Por último, cabe ainda referir que a Misericórdia deverá estar receptiva a auxiliar a Primeira Idade, nomeadamente no que se refere a deficientes mentais.

Será que vai existir colaboração com a CERCI?

## Assembleia de Freguesia de Espinho

continuação da página 1

próximo em termos de lei. Acresce que chamaram «Alteração ao Orçamento» quando o documento apresentado mais não era que um plano de intenções para o qual se buscará dinheiro na Câmara. Não parece, porém, que possam assacar culpas ao Presidente, António Catarino. Tal plano veio a ter aprovação, ainda que muitas dúvidas se tenham levantado, tais como o processo que irá ser feito o recrutamento do novo funcionário, ou a legalidade de se poderem pagar horas extraordinárias no recenseamento eleitoral.

### ZONA DE S. PEDRO EM DISCUSSÃO

Uma extensa carta da Comissão de Moradores de S. Pedro chamando a atenção dos autarcas para as necessidades daquela zona irá ser objecto de discussão com maior pormenor em próxima sessão. O ajardinamento do largo da Capela de S. Pedro, o melhoramento da Escola Primária local, entre outras carências, foram defendi-

das por José Neto membro daquela organização popular. E tão bem soube demonstrar essas necessidades, apesar de posição contrária de José Arruda (Zagalo), que a Assembleia lhe tributou palmas. Ao contrário José Zagalo, pequeno comerciante em S. Pedro e elemento da AD, entende que o ajardinamento do largo de S. Pedro não é uma escolha acertada, pois está convencido que o Povo dali tudo destruiria em pouco tempo, apesar de tal fazer parte do programa eleitoral da AD. O que se devia fazer em sua opinião era tirar dali a oficina de reparação de automóveis. Zagalo limitou-se a passar um atestado de menoridade ao povo trabalhador de S. Pedro. No entanto a Assembleia irá estudar o assunto de tal oficina, com vista a proibição do uso do terreno, propriedade da Junta.

Com um orçamento de centena e meia de contos pouco poderá fazer esta Junta. Limitar-se-á a pagar ao seu funcionário, nem sempre simpático como alguém lembrou.

## EM HORA DE BALANÇO

Foi ainda referida a desconfiança inicial de alguns fornecedores, o que levou à necessidade de recorrer a intermediários e ao consequente aumento dos preços de venda. No entanto, com o tempo e o desenvolvimento da cooperativa, esta desconfiança foi desaparecendo.

O resultado líquido, seis me-

ses após a abertura da loja, é de cerca de 50 contos. O Relatório salienta que se «os resultados líquidos obtidos são pouco significativos por um lado (...) por outro, não podemos deixar de lembrar que os associados foram obtendo resultados nas compras que efectuaram a preços razoáveis.»

### ACTIVIDADE COOPERATIVA

Sobre a actividade cooperativa convém salientar — salvo raras excepções — a fraca participação dos sócios no trabalho da cooperativa, fazendo a direcção apelo a uma maior e mais dinâmica participação de todos associados nas várias tarefas.

A Coopespinho aderiu à FENACCOOP (Federação Nacional de Cooperativas de Consumo).

### FINANCIAMENTOS

Sobre os financiamentos, refere o Relatório, para além das quotizações dos associados, constituíram financiamentos para a abertura da loja os «FAC» (Fundos de Apoio à Coopespinho), empréstimos bancários e privados, etc.

O único empréstimo pedido a entidades oficiais (Secretaria de Estado da População e Emprego) «após vários meses de muitas diligências, continua o seu «fadário burocrático»...

### ALGUMAS SUGESTÕES

Para além do Relatório e Contas, foram ainda aprovadas algumas sugestões, das quais destacamos a de, por iniciativa da Coopespinho, se realizar, no próximo dia 26 de Abril, na Piscina, uma reunião aberta a toda a população com vista ao arranque de uma Cooperativa de Habitação; a criação de um «Prémio de Consumo». Este prémio foi criado com o objectivo de incentivar os sócios a um maior consumo na loja da cooperativa. Assim, todos os meses, será feito um sorteio que indicará o premiado do mês, o qual terá direito a, no mês seguinte, adquirir, gratuitamente, bens de igual valor ao consumo que tiver efectuado no mês sorteado.

A Direcção resolveu promover um sorteio para oferecer uma prenda (um televisor e uma máquina de café) à Coopespinho, por altura do 1.º Aniversário da abertura da loja (Junho de 1980).

### FORNECIMENTO DE BACALHAU

Pese embora a propaganda televisiva e na imprensa sobre o futuro fornecimento de bacalhau a toda a população, foi referido, na Assembleia o problema de que à Coopespinho, que conta com 450 sócios, foram distribuídos apenas 240 kg do «fiel amigo» e outros 240 deste peixe, mas do «escamudo»...

A Direcção vai tentar resolver este problema fazendo um sorteio de maneira a entregar cerca de um quilo de bacalhau, a apenas metade dos sócios.

### COOPESPINHO:

#### UMA REALIDADE

A Coopespinho é já uma realidade na nossa cidade.

Para a defesa dos consumidores nestes tempos de «mudança», a sua existência, por si só, já representa muito.

Para que esta realidade se torne cada vez maior são necessários mais sócios, maior colaboração de todos. Aqui deixamos a notícia.

## O QUE PENSA DA COOPESPINHO ?

«A cooperativa nasceu da ideia de um grupo de pessoas que puseram ombros a uma tarefa, que não é fácil, mas que já vai dando os seus frutos. Como estabelecimento cooperativo que é, o seu fim não coincide com o do vulgar supermercado, explorado por uma entidade privada, mas proporciona, dentro dos possíveis, a venda de mercadorias a preços acessíveis e tendo também em atenção a qualidade dos produtos. Estes objectivos não foram ainda totalmente conseguidos devido a uma série de problemas tais como a falta de transporte próprio, o alheamento de uma parte dos sócios, à participação mais activa na vida da cooperativa; a inexistência de financiamentos das entidades privadas, que têm um maior poder de armazenamento; e ainda o problema de certas firmas se retraírem quanto a créditos.»

Fernando Valadas — empregado



«Como uma coisa que está a crescer, a Coopespinho tem ainda defeitos e também muitas virtudes. Defeitos esses que se têm tentado resolver com reuniões feitas entre a Direcção e os trabalhadores.»

Para já tem sido um grande combate ao açambarcamento. Na altura da subida de preços, não houve tempo de fazer nada e o «cassalto» à cooperativa pelos sócios foi imediato. A cooperativa não estava preparada para isso, havendo alguns aborrecimentos com os sócios que não gostaram das chamadas de atenção que os trabalhadores fizeram.

O balanço é positivo; a situação económica é boa e poderia ser melhor se os sócios se consciencializassem e viessem lá fazer as suas compras.»

Maria José — Directora

«Podia ser melhor. Gosto muito da Direcção e acho que a Cooperativa tem sido bem dirigida. Deveria ter um certo prazo para trazer os prontos directamente do produtor, sem haver necessidade de recorrer a intermediários.»

Os empregados deveriam era falar nas Assembleias Gerais e não na loja, directamente com os sócios.

Deviam mentalizar os sócios... deviam dizer aos sócios os porquês de certas faltas para que haja um conhecimento da situação e não haja incompreensões e problemas entre a Direcção empregados e os sócios. Estou mal informada... mas acho que o resto está tudo bem.»

Lúcia Loureiro — sócia

«Penso que a Cooperativa veio beneficiar-nos. Precisava de ter muitos mais sócios para que o rendimento fosse maior. As coisas que levamos, levamos com o peso certo e frescas. Temos a certeza de que não somos enganados. Estou satisfeita. Somos bem atendidas. E há coisas que se compram mais baratas e além disso sabemos que isto é nosso.»

É pena não haver um bar ou uma sala de convívio para podermos engrandecer a cooperativa e haver maior convívio entre os sócios.»

Rosalina Martins — sócia



A Biblioteca Gulbenkian  
Rua 21 - ESPINHO

PORTE PAGO